

**Plano de Evangelização
2008-2011**

**Conversão pastoral e
renovação eclesial
para o compromisso
missionário
a serviço da vida**

Diocese de Caxias do Sul

1. Apresentação

A Diocese de Caxias do Sul completa 74 anos e nesta comemoração damos um destaque ao Plano de Ação Evangelizadora 2008-2011. Ele é fruto de uma caminhada em conjunto. Muitos passos já foram dados. Houve encontros em todas as regiões, em todas as áreas e nós nos encontramos não só entre nós, mas também com o que vive a igreja no momento atual. Acolhemos as orientações da Conferência de Aparecida, da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e do Regional Sul III, para continuar nossa caminhada, em comunhão com toda a Igreja.

Destacamos três pontos. A importância e o valor da conversão pessoal. Conversão significa que enquanto estamos neste mundo, podemos e devemos sempre, pessoalmente, cada um de nós, melhorar, adquirindo sempre mais o espírito do evangelho que é um espírito de amor, de coragem, de confiança em Deus nosso Senhor e de responsabilidade. Se a pessoa não melhora dificilmente o mundo também pode melhorar. Existe uma interdependência muito grande; uma coisa depende da outra, não dá para esperar tudo só da conversão pessoal, mas também não dá para esperar tudo só da transformação da sociedade. Conversão pessoal significa a responsabilidade de cada pessoa, no lugar onde ela se encontra, de converter-se. Converter-se significa se voltar para o evangelho de Jesus e que o evangelho tenha influência em todas as nossas decisões. Cada um não só espere dos outros, mas assuma a responsabilidade e faça a sua parte.

O segundo ponto no qual nós refletimos e que todos compreendemos é a importância da renovação eclesial. Não dá para renovar a pessoa sem renovar a igreja. A igreja de Jesus depende da nossa mudança e a nossa mudança depende também, se nós juntos, sabemos caminhar na mesma direção, com o mesmo entusiasmo, com a mesma força. Se o mundo é muito individualista e a igreja permanece fechada em si não haverá transformação. Quando o ambiente está aberto, pensar nos outros, trabalhar para os outros, ser responsáveis pelos outros gera a renovação eclesial; ela cria o clima, cria o am-

biente onde nós vamos ser transformados e transformaremos ao mesmo tempo. Nunca se pode falar de uma coisa só. Renovação eclesial depois do Concílio Vaticano II, significa a transformação da igreja, a renovação e a reanimação da Igreja de Jesus, nunca destruindo, mas sempre melhorando. Se é fundamental a conversão pessoal, também a renovação eclesial, é indispensável.

Além disso, nós vivemos a realidade deste mundo, onde é fundamental que haja um compromisso missionário, ou seja, a importância de sair e ir ao encontro dos nossos irmãos. Quem sabe pensar, sofrer, lutar, trabalhar pelos outros, também está renovando a si mesmo. Conversão pessoal, renovação eclesial e compromisso missionário, ou seja, solidariedade com o mundo no qual nós vivemos, no qual nós recebemos muito, mas também somos chamados a dar a nossa colaboração, nosso trabalho, um espírito novo. Portanto este dia é abençoado para nós, porque 74 anos é muito tempo, mas longo caminho resta a percorrer. Não é porque nós nunca alcançamos, mas é porque sempre de novo se abrem novas possibilidades, novos desafios também.

Bendizando a Deus e alegrando-nos pelos 74 anos da nossa Diocese invoco a bênção de Deus, nosso Senhor para que nós continuemos a caminhar. Agradecemos a Nosso Senhor o que já realizamos, agradecemos também o momento presente, por tudo que ele tem de desafios e oportunidades para que nós possamos corresponder ao Plano de Deus.

Irmãos e irmãs, Deus Nosso Senhor vos abençoe, vos ilumine e vos fortaleça. A bênção Dele que é Pai, Filho e Espírito Santo.

08 de setembro de 2008

Festa da Natividade de Nossa Senhora

+ Paulo Moretto
Bispo Diocesano

2. Discípulos missionários que olham a realidade (Ver)

Vivemos uma grande crise de civilização, muito profunda, e nela uma desagregação do mundo moderno, industrial e centralizado. Tivemos até agora um tempo de centralização industrial: a grande fábrica, as grandes cidades, o grande Estado protetor, as burocracias. Estamos talvez assistindo hoje a transição para uma outra sociedade, com transformação das forças produtivas, com as tecnologias da informática e da robótica, as nanotecnologias e mediante uma nova sensibilidade social. Estamos vendo a possibilidade do surgimento de um mundo mais descentralizado e pluralista e, ao mesmo tempo, de dimensões planetárias. Há também o risco, em sentido contrário, de um outro cenário alternativo do futuro, com um planeta ainda mais centralizado, autoritário e controlado.

As potencialidades materiais da informática e da intercomunicação imediata através de **redes** de computadores nos abrem a possibilidade das articulações horizontais flexíveis de realidades e experiências as mais variadas.¹

Estamos metidos numa crise ecológica sem precedentes não para o planeta que já viveu e superou outras transformações, mas para a humanidade se configura uma encruzilhada. Estamos depredando o nosso habitat. **Esse modo de viver é totalmente insustentável** e pode levar ecologicamente a terra a um colapso.

Na globalização a face mais difundida e tida como de maior êxito é sua dimensão econômica, que se sobrepõe às outras dimensões da vida humana e as condiciona. Esta economia é conduzida pela ideologia capitalista neoliberal que privilegia o lucro e estimula a concorrência concentrando o poder e a riqueza. O resultando não é só pobreza, mas algo de ‘novo’: exclusão social (DGAE 24).

Na dimensão sócio-política a constatação de certo progresso democrático, porém uma preocupação: as diversas formas de re-

¹ Luiz Alberto Gomes de Souza, Do Vaticano II a um novo concílio? O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja, Loyola, São Paulo, 2004, p.167.

gressão autoritária (DA 74). Enfraquecimento do Estado: não pode existir democracia verdadeira e estável sem justiça social, sem divisão real de poderes e sem a vigência do Estado de direito (DA 76).

O crescimento da violência: a idolatria do dinheiro, o avanço de uma ideologia individualista e utilitarista, a falta de respeito pela dignidade de cada pessoa, a deterioração do tecido social, a corrupção no legislativo e executivo – judiciário tendencioso (DA 77), inclusive nas forças de ordem e a falta de políticas públicas de equidade social (DA 78). Realidade das mulheres – múltiplas violências (DA 48). Violação de direitos humanos.

Novas mentalidades, novas culturas e sobretudo no mundo urbano acontecem complexas transformações sócio-econômicas, políticas e religiosas. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus (DA 44). **Sobrevalorização da subjetividade individual. Abandono ao bem comum**, busca da realização imediata dos desejos individuais (DA 45). Afirmção dos direitos individuais e subjetivos (DA 47).

Na cultura urbana convivem contradições, como: diferentes categorias sociais, desde as elites econômicas até a grande multidão dos pobres. Convive a tradição ao lado da modernidade, a inclusão ao lado da exclusão, a linguagem secular ao lado da linguagem religiosa. Enfim, na cidade temos uma forte cultura pluralista. Luta-se cada vez mais pelo direito à pluralidade e à diferença.²

As cidades são também espaços de enorme circularidade migratória.³ Todo o país, aliás, é um grande corredor de migração em diferentes direções, com retornos mais adiante. E as cidades maiores

²Máximo Lombardi, O documento de Aparecida, Revista REB, Fasc.270,abril/2008. p. 435.

³ Na contramão de um país que ainda cresce, 1.747 municípios brasileiros (32% do total) perderam população de 2000 a 2007. São, principalmente, cidades pequenas - com menos de 10 mil moradores-, que cederam habitantes para regiões metropolitanas ou localidades de médio porte mais industrializadas e com mais ofertas de emprego ou estudo. As comparações são feitas utilizando o Censo Demográfico de 2000 e a Contagem da População de 2007, realizados pelo IBGE. **“Porto Alegre e Caxias são áreas de intenso magnetismo populacional**, porque são mais dinâmicas do que o sul do Estado. O núcleo da economia, que no passado foi agropastoril, agora está em regiões de indústria diversificada”, afirma o geógrafo Dakir Larara Machado da Silva, da Ulbra (Universidade Luterana do Brasil). Fonte:www.unisinos.br/ilhu, 07/07/2008.

vão recebendo fluxos que vêm de cidades pequenas ou médias e de regiões rurais. **Os limites entre o urbano e o rural são instáveis, a televisão e os hábitos das cidades permeiam o mundo rural.** As periferias das cidades e as favelas reúnem uma população heterogênea, que deixou para trás suas raízes e suas referências, procurando refazer uma identidade perdida.⁴

As mudanças produzem uma crise de identidade nas pessoas, que se reflete nas famílias, na sociedade e na própria Igreja.

A realidade de hoje oferece muitas oportunidades de melhorar a vida. Ao mesmo tempo, estimula as pessoas, despertando muitos desejos, em torno de bens supérfluos, que iludem e levam a frustrações, que provocam o abandono de valores tradicionais, facilitando a mudança, inclusive, da própria religião.

Hoje **com a revolução tecnológica as mudanças são velozes,** há insegurança, as relações são fragmentadas, a mobilidade humana é crescente em busca de melhores condições de vida.

A igreja desenhou, faz vários séculos, suas estruturas paroquiais tradicionais. Elas se implantaram num mundo relativamente estático, onde, em geral, moradia, lugar de trabalho e de lazer, eram relativamente próximos. Sente-se, portanto, uma desadequação entre a rede eclesial traçada no passado e as movediças relações humanas atuais.⁵

Um dos problemas centrais é o do acolhimento dos fiéis, frequentemente anônimo e distante nas estruturas paroquiais.⁶ Ele é direto e afetivo nas pequenas congregações pentecostais e neopentecostais, que surgem sem parar nos bairros populares da cidade.⁷

⁴ Luiz Alberto gomes de Souza, Do Vaticano II...,op. cit p. 180.

⁵ Luiz Alberto gomes de Souza, Do Vaticano II...,op. cit.p.180

⁶ Visitar, conversar, convidar, é uma maneira eficacíssima de evangelizar; sobretudo neste país - neste continente - onde a cordialidade é um verdadeiro sacramento (Casaldáliga).

⁷ “Não façam pastoral rural na grande cidade!” (cf.DA 513) e “não esqueçam, na grande cidade, que a igreja aprendeu a ‘a pastoral da acolhida’ no interior”(DA 517i).

Segundo nossa experiência pastoral, muitas vezes, a pessoa sincera que sai de nossa Igreja não o faz pelo que os grupos “não católicos” crêem, mas fundamentalmente por causa de como eles vivem; não por razões doutrinárias, mas vivenciais; não por motivos estritamente dogmáticos, mas pastorais; não por problemas teológicos, mas metodológicos de nossa Igreja. **Esperam encontrar respostas a suas inquietações.** Daí porque a crescente difusão de variadas ofertas religiosas que tratam de responder às necessidades das pessoas de forma diferente, e às vezes, materialista e imediata.

As áreas migratórias têm problemas seríssimos, perda de identidade, perda de referenciais, perdas de raízes. Depois que ele (migrante) perde a raiz ele fica exposto a tudo. Nestas áreas registra-se o menor índice de catolicismo. Os evangélicos têm mais flexibilidade de acompanhar os fluxos migratórios. Os católicos têm pouca flexibilidade de acompanhar o fluxo migratório.

Comunidade de fé - Observando as pessoas que freqüentam as nossas comunidades constata-se uma busca pelo sacramento, a bênção, a ajuda de Deus, a saúde, a cesta básica. Muitos são católicos que vão de evento em evento: batismo, 1ª eucaristia, casamento (às vezes), enterro, sem compromisso comunitário. Não procuram a igreja para ser uma pessoa nova, para nascer de novo, transformar a vida ou para uma adesão a um caminho. Em geral não buscam algo para modificar-se, mas para receber. **A nossa igreja ensinou o pessoal a rezar, mas não a escutar o evangelho.** Então, é bom católico porque reza, confessa e vai à missa, porém não o evangelho como proposta de vida. **Nós não evangelizamos. Nós sacramentamos.** Devemos reconhecer que é uma forma de manifestação de fé descompromissada. E a nossa igreja ainda faz isso. Então este é desafio da comunidade (Pe. Jorge Parisotto).

A fé é um aprendizado contínuo, que não se dá, de uma vez por todas, pela administração de um sacramento ou pela freqüên-

cia eventual a uma celebração. Nem por atividades de um entusiasmo passageiro sem continuidade. A multidão que se congrega numa praça ou num estádio, passado o momento de empolgação, pode dispersar-se e voltar aos seus hábitos e rotinas cotidianos.

É indispensável um certo processo de crescimento. As atuais estruturas foram se constituindo em torno do clero criando uma certa dependência do padre. **O eclesiástico deveria se abrir ao eclesial mais amplo.** Não se trata de uma divisão de trabalho em que os leigos são enviados ao mundo, deixando as estruturas e o poder eclesiais na mão dos clérigos.

Uma educação da fé - Superar o esquema da tradição, porque meu pai, meu avô eram católicos. Evangelizar para que as pessoas sejam aptas a “dar as razões de sua fé”. Para não ficar no subjetivismo da fé, vem a experiência comunitária da fé. A comunidade se abre como espaço verificador da autenticidade de nossa experiência com Jesus Cristo.

É necessário encontrar um método na prática pastoral. O método ver-julgar-agir, propõem uma revisão de vida contínua, reuniões periódicas, formação permanente. Momentos de impacto no meio (**campanha da fraternidade, romarias, peregrinação, retiros, missões populares**), mas seguidos por um trabalho de nucleação em torno de pequenas equipes relativamente homogêneas. Isso assegura um ritmo, a criação de novos hábitos religiosos e um real crescimento no nível da ação, da espiritualidade e da oração. É urgente despertar em nós de novo o gosto de sentar, programar, avaliar. Hoje nós perdemos o gosto de nos encontrar, perdemos a paciência para ouvir.

Mundo dos jovens - As maiores vítimas da cultura do consumo são as novas gerações – perdem sentido do passado e do futuro e a referência aos valores e instâncias religiosas (DA 51). Nas missas e em outros momentos da comunidade chama a atenção para a faixa etária dos participantes: há uma grande maioria

de pessoas de meia idade, às vezes acompanhadas por crianças. A participação dos jovens é relativamente pequena no conjunto dos fiéis em contraste com sua proporção significativa na população. Para avançar neste campo dos jovens é necessário entrar em seus quadros mentais, sua sensibilidade e suas aspirações, procurando interessar setores dinâmicos e inquietos. Do contrário, acolheremos jovens, apenas sensíveis a uma espiritualidade intimista ou a pequenas ações intra eclesiais.

Uma ética a repensar - A igreja tem uma certa dificuldade de tratar os temas da sexualidade, da reprodução, do prazer, da segunda união. Não é suficiente ficar numa crítica negativa de hedonismos ou da permissividade, sem analisar com cuidado o surgimento de novas sensibilidades, outros hábitos e mudanças culturais.

Práticas novas de grupos de oração - É visível o surgimento de experiências diversificadas e flexíveis de grupos que se reúnem para refletir juntos, rezar e celebrar. Muitos deles têm uma característica em comum: insistem numa certa informalidade, não querem integrar-se em estruturas mais amplas. O cuidado pastoral deveria estar atento a essas experiências, respeitando suas caminhadas sem querer integrá-las a força nas pastorais habituais. Uma pergunta se impõe: porque esta rejeição à institucionalização? Qual a imagem das estruturas eclesiais que se passa para a opinião pública?

São tantas as mudanças, que dá para dizer que estamos numa "mudança de época", onde é preciso entender o que se passa, para reencontrar nossa vocação e missão de cristãos.

Para refletir:

1. Na sua vida pessoal, como você tem vivido essas mudanças?
2. Que conseqüências práticas estas mudanças têm trazido para o meio social e eclesial em que você vive?

3. Discípulos Missionários numa igreja em estado permanente de missão (Julgar) ⁸

I. A Igreja como realidade intrinsecamente missionária

Já presente na idéia de Israel como “luz para as nações”, ela se faz presente no Novo Povo de Deus através do envio dos apóstolos, por parte de Jesus Cristo, a proclamar o Evangelho do Reino a todos os povos. **A Igreja recebe todo o seu sentido por estar a serviço do Reino de Deus.** Esta verdade receberá uma formulação precisa no Concílio Vaticano II através da noção de sinal do Reino presente e futuro, a saber, “como sacramento universal da salvação” (LG 48). Também acena este Concílio para a missão de formar um único Povo de Deus, a humanidade renovada por Jesus Cristo e seu Espírito (AG 1). No Documento de Aparecida esta fundamentação se enraíza na própria Trindade, mais concretamente na missão do Filho e do Espírito Santo em vista da salvação do mundo (DA 347), seguindo aqui outra argumentação apresentada no Vaticano II (AG 2).

Características marcantes desta missão da Igreja

A fé de muitos cristãos sofre o impacto da atual cultura secularizada exigindo, portanto, “uma evangelização muito mais missionária” (DA 13). **Devemos sair ao encontro das pessoas para “partilhar o dom do encontro com Cristo”**, não podemos ficar passivos, devemos “proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra”, “**somos todos testemunhas e missionários**” (DA 548). Para isso devemos nos converter, devemos “ser novamente evangelizados” e estar “conscientes de nossa responsabilidade” pelos que estão afastados (DA 549). Impõe-se “uma missão evangelizadora” que mobilize a todos (DA 550).

⁸ O aspecto “julgar” tem como referência o texto de Mario de França Miranda, A Eclesiologia do Documento de Aparecida.

O advento da sociedade moderna, pluralista, secularizada, fragmentada, significou o fim da época da cristandade. Nela a fé cristã era hegemônica, fornecendo uma visão do mundo e normas éticas que moldavam a sociedade. Ter fé nada exigia de especial, já que todos a professavam, embora a vivessem diferentemente. A fé era um pressuposto implícito na cultura da época. A sociedade respaldava esta fé que, na maioria dos casos, carecia de uma formação cristã adequada. Deste modo podemos caracterizar a pastoral da Igreja neste período como uma “pastoral de conservação” que, hoje, se mostra insuficiente e inadequada. Devemos, portanto, voltar à pastoral de ‘conquista’ que caracterizou a Igreja em seu início e que só foi abandonada pelo surgimento da cristandade e da união da Igreja com o poder civil a partir de Constantino. A atual sociedade pluralista nos oferece uma situação de Igreja em diáspora muito semelhante a dos primeiros séculos.

A formação da identidade do cristão é condição para sua vocação pastoral. **Já que a fé não é mais simplesmente pressuposta, tal como se dava no passado, se impõe um encontro pessoal com Jesus Cristo.** “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande idéia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DA 243). Assim nasceu o cristianismo através da experiência dos primeiros discípulos com Jesus Cristo, fascinados com sua pessoa (DA 244). Este traço também é requerido em nossos dias, pois a vocação cristã “responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena” (DA 277).

Este encontro acontece hoje através da proclamação do kerigma (DA 289) e implica uma experiência salvífica pessoal, fundamento do compromisso com Jesus Cristo e com sua missão (DA 290). Deste encontro se deslancha todo um processo de formação, que apresenta várias etapas, não só sucessivas, mas também interagindo

entre si: o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão (DA 278). **Discipulado é o crescimento na vocação cristã, também do ponto de vista doutrinal, e comunhão lembra a dimensão comunitária da vida cristã com tudo o que daí decorre.** A missão é inseparável do discipulado, estando assim sempre presente na vida do cristão, embora se realize diversamente. Insistir na importância da experiência salvífica pessoal do encontro com Jesus Cristo enquanto no passado a preocupação maior era com a catequese doutrinal. E na ênfase dada à evangelização quando no passado a pastoral estava mais centrada nos sacramentos.

A missão se caracteriza como uma “missão a serviço da vida plena” e recebe base escriturística (DA 355) no conhecido versículo de João: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham plenamente” (Jo 10,10). Esta vida é uma realidade em nós por participarmos da própria vida de Deus ao acolhermos a pessoa de Jesus Cristo (DA 348), uma vida nova que nos incorpora a uma comunidade eclesial de outros que vivem esta mesma vida (DA 349).

Mas, como discípulos, devemos nos colocar a serviço da vida integral como o fez Jesus ao curar enfermos, reintegrar excluídos na sociedade, saciar os famintos, perdoar os pecadores, conviver com todas as classes de pessoas, sensibilizar-se pelos mais pobres (DA 353). **Esta vida integral deverá ser vivida pelo próprio discípulo em todas as suas dimensões: “pessoal, familiar, social e cultural”** (DA 356).

E já que “não podemos conceber uma oferta de vida em Cristo sem um dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social” (DA 359), é importante que ela esteja presente em todas as atividades da Igreja (DA 361).

Esta missão deve estar voltada também para os “novos aréopagos e centros de decisão”. O mundo da mídia, dos construtores da paz, dos que lutam pelo desenvolvimento e libertação

dos povos, sobretudo das minorias, pela promoção da mulher e das crianças, pela ecologia e proteção da natureza, na cultura, dos experimentos científicos (DA 491). Formar pensadores e pessoas situadas nos centros de decisão: empresários, políticos, formadores de opinião, dirigentes sindicais (DA 492).

Mas também deve se dirigir aos pobres, através de opções e de gestos visíveis que busquem mudar sua situação. Trata-se de “um âmbito que caracteriza de modo decisivo a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral” (DA 394 citando NMI 49). **Uma missão que implica estar próximo a eles** para captar seus anseios e seus valores (DA 398), dedicando-lhes atenção, tempo, interesse (DA 397). **Daí, o apelo por “uma renovada pastoral social para a promoção humana integral”** (8.4), bem como a exposição dos rostos sofridos: habitantes de rua, enfermos, drogados, migrantes, presos (8.6).

Toda a Igreja se encontra envolvida nesta missão em pro do Reino de Deus. Todo discípulo é missionário, pois ao se comprometer com Jesus Cristo, necessariamente se vincula com sua missão. Portanto testemunhar a morte e a ressurreição salvíficas de Jesus Cristo “não é uma tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã” (DA 144). **A missão consiste mais em partilhar e comunicar uma experiência plenificante na alegria e na gratidão por tê-la feito** (DA 145).

Para que todas nossas paróquias se tornem missionárias (DA 173) devem viver “num constante anseio de buscar os afastados e não se contentar com a simples administração” (DA 201). De fato, “todos os membros da comunidade paroquial são responsáveis pela evangelização de homens e mulheres em cada ambiente” (DA 171). Para isso devem as paróquias “reformular suas estruturas para que sejam uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articularem para que seus participantes se sintam e sejam, realmente, em comunhão, discípulos e missionários de Jesus Cristo” (DA 172).

Laicato missionário. Devem ser formados para fazer frente aos desafios da atual sociedade, entrando no mundo complexo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, enfim em contextos nos quais tornam presente a Igreja (DA 174 e 210). **Os leigos participam assim na “ação pastoral da Igreja”**, primeiramente pelo seu testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e em outras formas de apostolado”. Por isso mesmo devem gozar de maior espaço de participação e serem incumbidos de ministérios e de responsabilidades para que possam viver de modo responsável seu compromisso cristão (DA 211).

Só assim haverá uma efetiva corresponsabilidade e participação de todos os fiéis na vida das comunidades (DA 368). Só assim, devidamente formados, poderão atuar como verdadeiros sujeitos eclesiais e competentes interlocutores entre a Igreja e a sociedade (DA 497). Só assim poderão também assumir sua responsabilidade na vida pública (DA 508). **Portanto devem participar dos projetos pastorais diocesanos “no discernimento, na tomada de decisões, na planificação e na execução”** (DA 371), sendo assim “parte ativa e criativa na elaboração e execução de tais projetos” (DA 213). Observa-se que há “uma notável ausência no âmbito político, comunicativo e universitário de vozes e iniciativas de líderes católicos de forte personalidade e de vocação abnegada que sejam coerentes com suas convicções éticas e religiosas” (DA 502), lutando pela vida em todas as suas formas (DA 503) e colaborando “na construção de uma cidade temporal de acordo com o projeto de Deus” (DA 505). De fato, já nos acostumamos a assistir a uma imediata intervenção da hierarquia, sempre que surge algum problema que atinja a Igreja. Não vemos uma tomada de posição por parte de leigos católicos, conhecedores da matéria, que amadureçam a questão por seus pronunciamentos e debates.

II. Igreja e comunhão

Os primeiros discípulos, dos quais se formaria a Igreja, foram chamados por Jesus para viver em comunhão com Ele (DA 154). Deus quis nos salvar não isoladamente, mas formando um Povo. A experiência de fé se vive sempre numa Igreja particular (DA 164). O argumento mais forte parte da comunhão dos discípulos com o Pai (1Jo 1,3), com seu Filho, morto e ressuscitado, e com o Espírito Santo (2Cor 13,13). **Deste modo é o mistério da Trindade fonte, modelo e meta do mistério da Igreja.** Portanto, “a comunhão dos fiéis e das Igrejas Particulares no Povo de Deus se sustenta pela comunhão com a Trindade” (DA 155).

A dimensão comunitária da vida cristã

A fé em Jesus Cristo é mediatizada pela Igreja. O anúncio do kerigma nos alcançou através de uma comunidade de fé (DA 156). Deste modo, uma vivência cristã individualista que prescindisse completamente dos outros fiéis se revela falsa ou sujeita a ilusões pessoais. Realmente se nossa fé é, em sua essência, teologal, por se dirigir a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, esta mesma fé é sempre, em sua modalidade, eclesial. **Sem o testemunho da comunidade de fé não chegaríamos ao Cristo vivo e atuante e, por meio dele, a Deus.**

A Igreja deve testemunhar o amor de Deus por todos os seres humanos. A comunhão vigente entre seus membros pelo amor mútuo de uns para com os outros faz com que ela seja “reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade” (DA 161). **A Igreja, como comunidade de amor, goza de uma força atrativa,** que a faz crescer, não por um simples proselitismo, mas pela realidade do amor que irradia, interpelando outros a correrem a aventura da fé (DA 159). Para tal ela deve se nutrir com “o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo”. De fato, pela participação no mesmo pão eucarístico constituímos o

mesmo corpo e nos relacionamos como irmãos, filhos e filhas do mesmo Pai. A Igreja aparece assim como “casa e escola de comunhão” (DA 158).

Todos os batizados, através do sacerdócio comum do Povo de Deus, são chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, já que a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária (DA 157). Daí, estarem “a comunhão e a missão profundamente unidas entre si... **A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão**” (DA 163).

A comunhão na vida da Igreja

A realidade da comunhão se realiza numa comunidade com rica variedade de carismas, ministérios e serviços. Para não romper a unidade é importante que cada um desenvolva seus dons considerando os demais e complementando-se mutuamente.

Neste prisma de comunhão se afirma que **o sacerdócio ministerial está a serviço do sacerdócio comum dos fiéis** (DA 193). Igualmente todos os organismos pastorais da paróquia, longe de qualquer tentação burocrática, devem “estar animados por uma espiritualidade de comunhão missionária” (DA 203).

Aqueles que deixam a Igreja não o fazem por motivos doutrinários ou teológicos, mas por razões vivenciais. **Talvez nos abandonem por estarem buscando sinceramente a Deus** (DA 225). Não há dúvida que para muitos a Igreja aparece mais em seu aspecto institucional. Eles a vêem como uma entidade pesada, autoritária, moralista, pouco atraente, cheia de normas e obrigações.

A Vivência Comunitária. Nossos fiéis buscam comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e incluídos eclesialmente. É necessário que nossos fiéis se sintam realmente membros de uma comunidade eclesial e corresponsáveis por seu desenvolvimento. Isto permitirá um maior compromisso e entrega na Igreja e pela Igreja (DA 226 b).

As Comunidades Eclesiais de Base, verdadeiras escolas de discípulos e missionários do Senhor. Nelas seus membros têm acesso à Palavra de Deus e ao compromisso social de sua fé. Elas ainda possibilitam a criação de novos ministérios leigos e de uma formação de adultos na fé (DA 178). Como sinal de vitalidade na Igreja e instrumento de formação e de evangelização, podem revitalizar a paróquia de dentro, tornando-a comunidade de comunidades. Além disso, **evangelizam os mais simples e afastados e são expressão da opção preferencial pelos pobres** (DA 179).

Também **há outras modalidades de pequenas comunidades eclesiais** como grupos de oração e de reflexão da Palavra de Deus (DA 180). Estes grupos informais, nascidos da iniciativa dos leigos cristãos, oferecem na atual sociedade pluralista, a possibilidade de uma vivência comunitária da fé, espaço para que seus membros possam mutuamente expressar, fortalecer e confirmar suas convicções cristãs.

III. Uma nova configuração institucional

Em qualquer comunidade eclesial deverão estar presentes os componentes teológicos tais são: a pessoa de Jesus Cristo, a ação do Espírito, a Palavra de Deus, a fé da comunidade, o ministério ordenado. Mas, por outro lado, não podemos esquecer que esta comunidade eclesial é uma comunidade humana. Seus membros vivem numa época determinada, num contexto social concreto, numa situação histórica única.

Portanto, as mudanças sócio-culturais e as metamorfoses político-econômicas atingem também **a Igreja, que não pode nem deve permanecer presa a modalidades organizacionais e pastorais do passado**, sob pena de deixar de ser sacramento e mediação salvífica para o mundo. Por mais paradoxal que possa parecer, ela muda para poder manter sua identidade.

Primeiramente deve-se reconhecer a insuficiência de uma Igreja de cristandade na atual sociedade. “Não resiste aos embates do tempo uma fé católica reduzida a bagagem, a elenco de normas e proibições, a práticas fragmentadas de devoção, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados” (DA 12). Também se assinala que **muitos católicos deixam a Igreja não por razões doutrinárias, mas por motivos de cunho institucional**. Tal como ela hoje se apresenta, eles não conseguem uma forte vivência da fé, embora busquem sinceramente a Deus (DA 225).

A caducidade do modelo de cristandade emerge também da descrição feita sobre a vida de muitos fiéis, que pouco participam da Eucaristia dominical, não têm uma inserção ativa na comunidade, são inconscientes da dimensão missionária de sua fé, bem como se mostram frágeis e vulneráveis em sua identidade cristã (DA 286). Além disso, na época da cristandade se tratava de manter a cultura cristã que fornecia uma visão da realidade e uma ética para toda a sociedade. Hoje esta pastoral carece deste pressuposto devido ao advento de uma sociedade pluralista em contínua mudança, cultural e religiosa. **Daí o apelo por “uma pastoral decididamente missionária” em substituição da outra “meramente de conservação”** (DA 370).

A necessidade de uma conversão pastoral

A configuração de uma Igreja mais missionária e mais próxima à realidade deste continente não se realiza sem determinadas condições. Porque toda renovação exige forte motivação, discernimento crítico, conhecimento da realidade, renúncia para deixar o convencional e coragem para investir num futuro que nos escapa. “Para nos converter numa Igreja cheia de ímpeto e de audácia evangelizadora **devemos ser de novo evangelizados**” (DA 549), pressupondo um dinamismo espiritual em todos (DA 187, 199, 201).

Todos estão “chamados a uma atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir o que diz o Espírito às Igrejas através dos sinais dos tempos pelos quais Deus se manifesta” (DA 366). Volta aqui no adjetivo “pastoral” a idéia básica subjacente ao Vaticano II. “Pastoral” aí significou a necessidade de um contínuo aggiornamento e de um diálogo com a sociedade para que a Igreja, conhecendo seu público, pudesse melhor realizar sua missão salvífica. Deste modo este Concílio desencadeou na Igreja um processo constante para que ela consiga deixar transparecer em sua vida, em sua proclamação e em sua instituição a salvação de Jesus Cristo para a humanidade. Este processo implica compreensões mais adequadas da própria fé, expressões mais atualizadas do Evangelho e instituições mais condizentes com a época.

Para desenvolver sua atividade missionária a Igreja **“necessita de uma forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no cansaço e na tibieza, à margem do sofrimento dos pobres do continente”** (DA 362). No âmbito das paróquias “se requer imaginação para encontrar respostas aos muitos e sempre novos desafios postos pela realidade, **exigindo novos serviços e ministérios**” (DA 202). E também criatividade para alcançar os mais afastados (DA 173). No que diz respeito à iniciação cristã se sublinha expressamente que ela “requer novas práticas pastorais da parte dos bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e agentes de pastoral” (DA 291).

A necessidade de reformas estruturais

Concretamente esta insistência significa **“reformular as estruturas paroquiais” para uma maior comunhão e participação de todos** (DA 172), sobretudo no “mundo urbano” (DA 173). Significa também para qualquer entidade ou comunidade no interior da Igreja procurar “abandonar as estruturas caducas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DA 365).

Já que toda a Igreja é missionária, já que todos os **leigos pelo batismo são chamados** a serem agentes de pastoral como o são os demais membros da Igreja, os pastores “estejam dispostos a lhes abrir espaços de participação e a lhes confiar ministérios e responsabilidades” (DA 211). Igualmente “devem ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade”. O que exige dos pastores “uma mente aberta para acolher o ‘ser’ e o ‘atuar’ do leigo na Igreja” (DA 213). No fundo o que está em jogo é a figura do leigo “como verdadeiro sujeito eclesial” (DA 497 a). Só assim se recupera a orientação presente na eclesiológia do Vaticano II, se atualiza a realidade vivida nas primeiras comunidades cristãs, se corrige a distorção do clericalismo.

Reconhecimento e valorização da fé dos pobres

“Quantas vezes os pobres e os que sofrem realmente nos evangelizam!” (DA 257). Neles os valores evangélicos da partilha, da solidariedade, da sensibilidade diante do sofrimento alheio, enfim, da caridade cristã, são vividos na simplicidade e no anonimato, mas demonstrando para quem deles se aproxima a força prodigiosa do Espírito de Deus na fragilidade humana. Por este motivo, enquanto cristãos qualificados, não pela ciência, mas pela vivência da fé, são não apenas objeto da evangelização, mas realmente “sujeitos da evangelização e da promoção humana integral” (DA 398). “Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos anseios e seu modo próprio de viver a fé” (DA 398).

Os pobres e a configuração institucional da Igreja

“Assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação” (LG 8).

Não basta a idéia de uma Igreja voltada para os pobres, sensível a seus sofrimentos e lutando por minorá-los. Exige-se que o imperativo da pobreza evangélica atinja também as pastorais e as instituições da Igreja. A razão é sempre a mesma: **“A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes”**. E mais concretamente: No Evangelho aprendemos a sublime lição de sermos pobres seguindo a Jesus pobre e de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa nem alforje” (DA 31). Devemos adotar “um estilo de vida mais fiel à verdade e à caridade, mais simples, austero e solidário” (DA 100 h). A opção do amor preferencial pelos pobres “deve atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DA 396).

Para que estas belas palavras não permaneçam inócuas e ineficazes, relegadas à mera teoria ou reduzidas à forte emotividade, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e decisões, é necessário que se manifestem em opções e gestos concretos, tais como saber escutá-los, dedicar-lhes tempo, acompanhá-los nas horas mais difíceis (DA 397). Não se nega que isto já esteja acontecendo, mas aqui se trata de urgir toda a Igreja, sua atividade pastoral e suas estruturas.

Naturalmente a temática dos pobres é mais complexa. Ela inclui a luta por uma sociedade mais justa, os efeitos nocivos da atual economia, a corrupção da classe dirigente em nosso país. Pois, só ao encarar corajosamente uma tal exigência, poderemos um dia afirmar verazmente ser a Igreja **“a casa dos pobres de Deus”** (DA 524).

Fé cristológica: fundamento da opção pelo pobre

A opção pelos pobres “está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para os enriquecer com sua pobreza”. “Se essa opção está implícita na fé cristológica,

os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles (DGAE 176). “Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo”. Eles desafiam o núcleo do trabalho na igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. **Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo:** “Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim” (Mt 25,40) (DA 393).

Maria a imagem perfeita da discípula missionária

Fixamos o olhar em Maria e reconhecemos nela a imagem perfeita da discípula missionária. Ele nos exorta a fazer o que Jesus nos diz (cf. Jo 2,5) para que Ele possa derramar sua vida na América Latina e no Caribe. Junto com ela, queremos estar atentos uma vez mais à escuta do mestre, e ao redor dela, voltarmos a receber com estremecimento o mandato missionário de seu Filho: **“Vão e façam discípulos todos os povos”** (Mt 28,19). Escutamos Jesus como comunidade de discípulos missionários que experimentaram o encontro vivo com Ele e queremos compartilhar todos os dias com os demais essa alegria incomparável (DA 364).

Para refletir:

1. Que experiência pessoal você tem de ser e de viver como discípulo missionário de Jesus?
2. Como entender a necessidade da conversão pastoral para tornar a igreja missionária?

4. Missão dos discípulos missionários (Agir)

Não basta projetar a ação. É preciso pensar, também, sua execução, que vai além da boa vontade. ‘O amanhã ou será consequência do hoje ou não passará de uma mera repetição do passado.’

A ação pastoral, além da exigência de uma ação pensada, é uma ação rezada. Não há pastoral sem Espírito Santo, da mesma forma que não há planejamento eclesial sem espiritualidade e sem mística. Planejar sem mística é obrigar o Espírito Santo a fazer o que a gente quer⁹.

A leitura pastoral da realidade e a consciência da identidade e da missão da igreja são exigências da evangelização. Assumindo pastoralmente as grandes questões que interpelam a Igreja no contexto atual, assume como desafios urgentes, tanto para o aprofundamento de suas reflexões como para suas iniciativas evangelizadoras, os seguintes aspectos, dentre outros:

1. Comunhão dos discípulos missionários na Igreja

*Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo;
diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo;
diferentes modos de agir;
mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.
(1Cor 12,4-6)*

Que cada comunidade seja um centro irradiador da vida. Que cada comunidade cristã se converta em um poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação onde estamos (DA 362).

⁹ Brighenti, Agenor - A pastoral dá o que pensar - Siquem - Paulinas - São Paulo, 2206.

A paróquia é célula viva da Igreja, mas faz-se necessário sua vigorosa renovação, a fim de que seja de fato espaço da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, aberta à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de maneira comunitária e responsável, integradora de movimentos, aberta à diversidade cultural e a projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes (DA 170). A renovação das paróquias exige reformular suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos (DA 172).

Programas:

- 1º) Pensar e organizar a paróquia¹⁰: como uma rede de comunidades e grupos (DA 172, 517e), processando a descentralização da matriz e valorizando as pequenas comunidades¹¹ (DGAE 200b) e em ambientes específicos: a escola, a universidade, os ambientes ainda rurais e o mundo das diferentes etnias (DGAE 200c);
 - a) Orientar a criação de comunidades com estruturas mais simples, facilitando sua multiplicação, particularmente em áreas de desafio: periferias, edifícios, condomínios (DGAE 200);
 - b) A organização pastoral adequada à realidade urbana em sua linguagem, estruturas, práticas, horários e planejamentos (DGAE 200a), exige mudança de mentalidade e atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes (DA 201), reflexão e planejamento pastoral em comum entre paróquias da mesma cidade ou área (DGAE 200g).

¹⁰ Refletir sobre novas modalidades da presença e atuação da Igreja, tendo como referência o fato pastoral, as exigências e apelos da realidade, a que as atuais estruturas eclesiais já não mais respondem plenamente (DGAE 200l);

¹¹ A vivência e a experiência de comunhão na Igreja exige comunidade de tamanho humano, cujo o modelo são as CEBS. Para isso, é urgente a renovação das estruturas da paróquia, mediante “setorização em unidades menores” (DA 372); e a constituição, dentro de setores, de ‘comunidades de famílias’, para fomentar a vida em comunidade e responder aos seus problemas concretos (DA 372).

- c) Criar novos serviços, pastorais e ministérios, multiplicando as pessoas para realizarem serviços, integrando todos eles na unidade de um único projeto evangelizador tornando-os co-responsáveis em uma renovação pastoral (DA 202).
 - d) Fomentar a pastoral da acolhida, passando de um passivo esperar para um ativo buscar, com visitas às casas¹², uso dos meios de comunicação e a constante proximidade (DA 517i).
 - e) Organizar a Pastoral do Dízimo e outros meios que favoreçam a solidariedade entre as comunidades, discernir o destino dos recursos comunitários, zelando por eles, buscando a melhor forma de os preservar e utilizar em ações evangélicas e evangelizadoras (DGAE 164b).
 - f) Reconhecer a família como um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora ajudados por uma pastoral familiar intensa e vigorosa (DGAE 128-129). Cuidar do ambiente onde nascem as vocações (DA 314/315).
- 2º) Organizar uma equipe diocesana para rever as estruturas e dinâmicas pastorais (conselhos pastorais, assembléias, regiões, áreas, paróquias, comunidades etc.) dando-lhes sentido pastoral-evangelizador, objetividade e funcionalidade, bem como leveza e agilidade nos encaminhamentos.
- 3º) A organização e a articulação dos leigos pelo Conselho Diocesano de Leigos, para incentivar a comunhão e a participação na Igreja e sua presença ativa no mundo (DGAE 99).

¹² Visitar, conversar, convidar, é uma maneira eficacíssima de evangelizar; sobretudo neste país - neste continente - onde a cordialidade é um verdadeiro sacramento (Casaldáliga).

4º) Criar uma rede de comunicação, capacitando agentes nas comunidades, contando com os meios já existentes na Diocese: rádios, jornais e boletins a serviço da evangelização e internet, criando unidade, acompanhando e divulgando o plano de evangelização por meio de notícias, informações e mensagens evangelizadoras¹³.

2. Caminhos de formação dos discípulos missionários

*“Não se amoldem às estruturas deste mundo,
mas transformem-se pela renovação da mente,
a fim de distinguir qual é a vontade de Deus:
o que é bom, o que é agradável a ele, o que é perfeito.”
(Rm 12,2)*

Diante da atual sociedade pluralista e secularizada, faz-se necessário reforçar uma clara e decidida opção pela formação de todos os membros de nossas comunidades. Trata-se de um itinerário que implica aprendizagem gradual, e requer caminhos diversificados que respeitem os processos pessoais e os ritmos comunitários. Desencadear uma formação na ação direcionada para todos: bispos, padres e leigos, em vista de uma sabedoria integral a respeito do “ser Igreja” servidora do Reino e promotora da sociedade justa e solidária. A formação também deve ser entendida no sentido de qualificar nossa ação evangelizadora, que deve acontecer mediante a atração: “A Igreja atrai quando vive em comunhão” (DGAE 89).

Programas:

1º) Reunir as iniciativas de formação para organizar o núcleo articulador de formação teológica, bíblica, litúrgica e catequética com a finalidade de programar e oferecer formação num projeto evangelizador diocesano.

¹³ Plano de Ação Evangelizadora da Diocese de Caxias do Sul 2004-2007, pág. 24-25.

- 2º) Formar leigos, homens e mulheres, a quem a Igreja confia novos serviços, pastorais e ministérios, aprofundando e conhecendo a Palavra de Deus e os conteúdos da fé, assim como formá-los e sensibilizá-los sobre as grandes questões da justiça, da política e da economia (DA 406).
- 3º) Propor cursos de preparação e retiros para os agentes de pastoral e evangelizadores no espírito e na pedagogia da missão permanente.
- 4º) Estimular as diversas formas de Pastoral Bíblica, através de cursos, escolas, grupos de estudo e vivência e outros modos de contato com a Palavra de Deus, para isso será necessário investir na instituição e na formação continuada dos ministros e ministras da Palavra (DGAE 161).
- 5º) Assumir um método que favoreça a participação. A formação não é só aquela sistemática, mas é um tema difuso em toda a vida comunitária. A própria ação já é formação. Daí a importância de algumas experiências que se mostram eficazes: a diversidade ministerial; a formação dos conselhos; assembléias pastorais; articulação das ações evangelizadoras; o processo de planejamento e as ocasiões de sacramentos.
- 6º) Elaborar um projeto catequético que articule as etapas da catequese e a catequese com adultos, à luz do Diretório Nacional de Catequese.
 - a) Construir uma proposta para o caminho de iniciação cristã na Diocese, assumindo o estilo catecumenal, querigmático, com forte teor bíblico, de intensa participação eclesial e de acompanhamento do ano litúrgico.
 - b) Ter em vista a celebração do Ano Catequético (2009) dentro de uma proposta comum na Diocese.

3. Missão dos discípulos a serviço da vida plena

*“Eles pediram apenas que nos
lembrássemos dos pobres,
e isso eu tenho procurado
fazer com muito cuidado”
(Gal. 2,10)*

A vida é expressão do Reino de Deus. Toda a atividade da Igreja é a manifestação de um amor que procura o bem integral do ser humano.

A caridade deve promover a vida em todas as suas modalidades, incluída a natureza, pois a destruição dos ecossistemas, ameaça a todos, sobretudo os mais pobres (DGAE 85).

“Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos e à luta para vencer a injustiça é um contra-testemunho e celebra indignamente a própria liturgia” (DGAE 178).

Programas:

1º) Intensificar os gestos visíveis em defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, tornando-os sujeitos de mudança e transformação social, exigindo e apoiando políticas públicas que visem à erradicação da miséria e da fome, em parceria com entidades públicas e da sociedade civil (DGAE 177, 181c).

a) Fortalecer a Cáritas Diocesana com suas ramificações em cada paróquia, (DGAE 182) para valorizar e articular a multiplicidade de pequenas e importantes ações sociais das comunidades existentes de forma capilar em toda a Diocese (DGAE 198c).

- b) O Fundo Cáritas como forma de concretizar a caridade evangélica que liberta, promovendo a dignidade da pessoa humana.
- 2º) Articular uma renovada pastoral social (DA 399), diante dos novos rostos pobres (DA 402), como compromisso que tem sua raiz na fé (DGAE 178).
- 3º) Sensibilizar para que se ofereça uma atenção especial aos enfermos, idosos, encarcerados, excluídos, dependentes de drogas, migrantes, desempregados, atingidos pela violência, prostituição, crianças em situação de vulnerabilidade (DA 517j).
- 4º) Insistir na Escola Fé, Política e Trabalho como fórum permanente de aprofundamento e debate: da fé como compromisso na sociedade à luz do ensino social; da política como participação efetiva dos cristãos e das mudanças nas relações no mundo do trabalho (DGAE 198b, 195).

Projetos Comuns:

1. Promover a **evangelização da juventude**, fazendo uma opção efetiva e afetiva de toda a Igreja por ela, na busca de propostas concretas, capazes de acolher a pluralidade de pastorais, grupos, movimentos e serviços. Incentivar os jovens a evangelizar os próprios jovens, comprometendo-se, junto aos mais diversos ambientes, com a construção de um mundo cada mais próximo do Reino de Deus (DGAE 123).
2. Suscitar na pastoral organização, estudo e iniciativa que vise promover ações de preservação do **meio ambiente**. Educar para a preservação do meio ambiente, através de atitudes que respeitem e evitem a destruição da natureza, tanto no meio urbano quanto no rural (...) Incentivem-se iniciativas de educação ambiental e solidária que levem a população a cuidar da água e da vegetação preservando-as (DGAE 181k).
3. **Acolhida** aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela, com fortalecimento do diálogo e da cooperação entre as Igrejas de origens, trânsito e destino das pessoas em mobilidade, com vista a lhes dar atenção humanitária e pastoral (DGAE 200i). Suscitar na pastoral organização, estudo e iniciativa que possam ir ao encontro das pessoas, especialmente dos **migrantes** (DGAE 138), que atendam à mobilidade da população urbana e que ofereçam oportunidades múltiplas de contato com a mensagem evangélica (DGAE 200h).



Coordenação Diocesana de Pastoral
Rua Emilio Ataliba Finger, 685 - Bairro Colina Sorriso
95032-470 – Caxias do Sul – RS
Fone: 54- 3211-5032
E-mail: coord.pastoral@diocesedecaxias.org.br
www.diocesedecaxias.org.br